

SEÇÃO 4

História de Vida, Saberes e Apredizagens da Tradição de Candomblé de Angola – Instituto Nanetu de Tradição Afro-Religiosa e de Desenvolvimento Social¹

Historia de Vida, Saberes y Aprendizajes de la Tradición del Candomblé de Angola

Life History, Knowledge and Learning in the Tradition of Candomblé de Angola

por Mam'etu Nanetu

Resumo: Este relato de história oral traz a trajetória de Mametu Nanetu, mãe-de-santo paraense e fundadora do Terreiro Mansu Mansubando Kekê Neta. A narrativa aborda a herança familiar ligada à Jurema Sagrada, às práticas de cura e ao uso das folhas (Nsaba), articulando memórias de sua avó curadora e das iniciações em diversas tradições até o pertencimento à nação Angola. O texto revela as estratégias de resistência, as hierarquias do terreiro, a oralidade como transmissão de saberes e a relação sagrada com a natureza. Ao narrar suas experiências, Mametu afirma o candomblé como espaço de aprendizagem, cura e preservação da ancestralidade afro-amazônica. O testemunho evidencia a luta pelo território, o enfrentamento ao preconceito e a importância da tradição Bantu como referência cultural e política.

Palavras Chave: Candomblé de Angola. Tradição Bantu. Saberes afro-amazônicos. Nsaba. Oralidade.

Resumen: Este testimonio de historia oral presenta la trayectoria de Mametu Nanetu, madre de santo de Pará y fundadora del Terreiro Mansu Mansubando Kekê Neta. La narración rescata la herencia familiar vinculada a la Jurema Sagrada, a las prácticas de sanación y al uso ritual de las hojas (Nsaba), integrando recuerdos de su abuela curandera y de sus iniciaciones en diferentes tradiciones hasta el arraigo en la nación Angola. El texto destaca las estrategias de resistencia, la organización jerárquica del terreiro, la oralidad como transmisión de saberes y la relación sagrada con la naturaleza. Al compartir sus experiencias, Mametu reafirma el candomblé como espacio de aprendizaje, cura y preservación de la ancestralidad afroamazónica, subrayando la defensa del territorio y la tradición Bantu como patrimonio cultural y político.

Palabras Claves: Candomblé de Angola. Tradición Bantu. Saberes afroamazônicos. Nsaba. Oralidad.

Abstract: This oral history testimony recounts the life path of Mametu Nanetu, a priestess from Pará and founder of the Terreiro Mansu Mansubando Kekê Neta. Her narrative highlights the family heritage linked to the Sacred Jurema, healing practices, and the ritual use of leaves (Nsaba), connecting memories of her grandmother healer with initiations in various traditions until her belonging to the Angola nation. The account emphasizes resistance strategies, the hierarchical organization of the terreiro, oral transmission of knowledge, and the sacred relationship with nature. By narrating her experiences, Mametu asserts Candomblé as a space of learning, healing, and preservation of Afro-Amazonian ancestry, while stressing the struggle for territory, the fight against prejudice, and the Bantu tradition as a cultural and political reference.

Keywords: Candomblé de Angola. Bantu tradition. Afro-Amazonian knowledge. Nsaba. Orality.

¹ Narrativas orais transcritas por Marina Vieira de Lemba.

Oneide Monteiro Rodrigues (Mametu Nanetu) – Mãe-de-santo paraense, fundadora do Terreiro de Candomblé Mansu Mansubando Kekê Neta. Criadora do Instituto Nanetu de Tradição Afro-Religiosa e Desenvolvimento Social. E-mail: vitorgoncalves888@gmail.com / cartografandosaberesxxi@gmail.com

INTRODUÇÃO

1. Apresentação de Mam'etu Nangetu – Trajetória: Força das folhas (Nsaba), Katendê e riqueza da natureza

Fotografia 1 - Festividade dos 30 anos do Terreiro no dia 1 de dezembro de 2018. Ao completar os 30 anos de abertura do Mansu Nangetu Bantu Kuenkue.



Fonte: Alanna Souto Cardoso Tupinambá, 2019.

Sou Mam'etu Nangetu do Mansu Mansubantu Kuekue Neta. Minha NDange, que é raiz, é o Bate Folha com o Papa Nsaba de Salvador. Desde pequena, eu venho de uma tradição também da cura da Jurema Sagrada, porque eu sou herdeira da tradição dos meus avós. A minha avó, por exemplo, era uma curadora e, muitas vezes, bruxa que me ensinou e me encaminhou pra esse legado em que hoje eu tenho pertencimento com as Nsaba, que são as folhas, com a benzeção, com a cura, com esse acolhimento. Só depois eu vim aprender no candomblé. Essas outras tradições que eu praticava – da Umbanda mesmo, da Pajelança, da cura e da Jurema – meus avós trouxeram pra mim do Rio Grande do Norte. Eu e as minhas irmãs somos herdeiras. Eu acho que isso veio completar com o meu amadurecimento na tradição Bantu.

Já passei por todas essas iniciações na Umbanda, no Tambor de Cura, no Tambor de Mina, na Wicca pra ser bruxa, na Jurema até chegar na tradição Bantu e me iniciar na nação Angola. Em todas essas tradições a gente manipula as Nsaba. As Nsaba é fundamental em todas as tradições: vem os chás, vem os amacis, vem os banho de cabeça, vem os remédios pra botar na cabeça, vem as folhas pra gente benzer, porque a gente sem Nsaba não faz nada.

Desde menina, eu já incorporava com o seu Rompe Mato, com o Marujo Bazilio... sempre eles trabalhava com as folhas nessa cura. Trabalhava muito com folhas fazendo amaci, fazendo remédio, fazendo garrafadas. Eu me lembro que eu, menina, uma vez me acordei e tava puxando a barriga de uma mulher pra botar a criança no lugar. Isso eu fui amadurecendo com minha avó, que foi a minha grande mestra, meu avô e minhas tias, que eram tudo juremeira. Elas migraram do Rio Grande do Norte pra cá e aqui se encontraram com a tradição amazônica dessa cura que a gente fazia muito discreta e que hoje, infelizmente, devido a gente perder esse território, já muita coisa

não se pratica mais hoje. Por exemplo, as curas que era feito em silêncio. Você entrava e não podia sair mais. Pulava folha. Se vinha os encantado, do fundo vinha: cobra, jacaré, vinha os peixes... isso tá muito raro aqui em Belém. Eu acho que quando a gente quer praticar, a gente tem que ter um local muito longe... muito discreto... onde a gente vá com muita simplicidade e carinho pra receber essas entidades.

Essa perda do território, assim nos terreiros também, faz com que a gente faça muita reflexão. Lutar por espaços cada vez mais onde a gente possa praticar essas tradições antigas que são verdadeiras e fortes. Não tô dizendo que as outras tradições não são, mas a minha vó cansou de dizer: "olha, com a minha fumaça do meu charuto eu vou buscar o que eu quero e muitas vezes teu bode não faz!" e eu dizia: "a senhora tem razão!".

Mas é aquela fé que eu também tenho: fé na minha cultura, nas minhas tradições... a minha vó tinha muito disso! Fé dessa mulher forte e que transmitiu pra nós essa fortaleza. Eu vejo que – a gente que é tradicional, deita nas folhas, come as folhas, toma banho com as folhas, lava o mutuê com as folhas e tem essa riqueza – se a gente não preservar o candomblé e todas essas tradições, isso se acaba.

2. Herança da Avó Curadora, Práticas de Folhas e Rezas

Foto 2 - Entrevista concedida à profa. Alanna Souto Cardoso Tupinambá e Selma Brito. Em 17 de dezembro de 2019.



Fonte : Alanna Souto Cardoso Tupinambá e Selma Brito, 2019.

Eu me lembro que a minha avó fazia um jírau, esse jírau era de madeira. Em toda panela velha e toda bacia velha, a minha vó fazia a gente juntar folha. Fazia compostagem e faziam aquelas bacias com folhas cheirosas pros ungamentos, pras garrafadas. Tudo a minha avó me ensinou. E, hoje, a gente, por exemplo, na cidade, já tem a oportunidade de ir lá na feira do Ver-o-Peso comprar muitas folhas. Ou vai na mata buscar. Mas antigamente, tudo era feito no terreiro. Tudo era plantando no terreiro, porque a gente tinha espaço. Hoje, a gente perdeu esses espaço...

Então eu tenho, muitas vezes, tristeza que o menino que eu benzo pra tirar quebranto ou o menino que não dorme ou aquele que tá neurastênico... eles adentram no terreiro pra que eu dê banho e dê passe, mas essa mesma pessoa que vem aqui, elas não me reconhece fora. Elas adentram no terreiro pra mim fazer esse trabalho espiritual de cura, dar um passe, benzer, mas se me encontrar na rua, muito pouco falam, se esconde pelo preconceito.

Eu, por exemplo, aprendi tudo com meus avós e depois dentro da nação. Fui muitas vezes, muitas e muitas vezes pra Salvador pra conhecer as folhas e ensinar pros meus filhos esse pertencimento. Porque pra cada Nkise tem uma folha, pra cada Orixá tem uma folha... A minha casa matriz é lá, é onde meu Pai mora. A casa lá no Uruguai, a casa do meu Pai, Mansu Mansubandu Kuekue, que é a casa do meu Pai de Santo. Pois é, tem lá tem o bate folha né....

Eu me iniciei aqui e depois fui ajeitar tudo o que foi feito aqui em Salvador. Minha irmã e a minha sobrinha que são iniciada por baiano. Meus irmão, meus sobrinho tudo são iniciado, mas ia pra lá pra aprender, conhecer as folhas... por exemplo, aqui em Belém “catinga de mulata” lá é “macassá” e a “chama” daqui de Belém tem outro nome lá... vai mudando de estado. Cada estado tem um pertencimento, um conhecimento. Quando a gente vê, por exemplo: o jambú aqui é uma folha que a gente come com pato no tucupi e tacacá e lá se chama “oripepe”, lá é uma folha da Oxum sagrada, quando a gente pega tem que bater cabeça.

Então, veja essa riqueza amazônica... Quando meu pai veio, trouxe todas essas folha pra gente deitar. Veio tudo de Salvador. Eu disse pro meu pai: “não era preciso o senhor trazer que a gente é rico de folha... Isso aqui no Ver-o-Peso tem um monte de jambú!”.

Assim, eu sou muito feliz por pertencer a uma nação rica e que se eu sou Bantu. Eu tenho Caboclo, eu tenho Mavambo, eu tenho bandeira, tenho galinha da Angola e eu tenho as Nsaba, porque meu Kamuxi – o meu primeiro do meu barco – foi de 8 mulheres. Então, o primeiro do meu barco era o Katendê. Katendê é o dono das folha que nos dá, que nos serve toda essa diversidade de folha pra cada Nkise. Assim, quando eu vejo no salão toda aquelas Nsaba, eu vejo a riqueza que NZambi – que a natureza – nos deixou desse pertencimento de nós povos tradicionais cultuar a natureza. Porque os nossos deuses Bantu: Oxóssi é a mata; Yemanjá é água salgada; Oxum é água doce; a encruzilhada mora Mavambo e Nzila; Nanã é dona da lama; e, os outros tudo, é a natureza pura. Então nós, eu acho, que somos os povos Bantu e os de outras tradição que precisamos preservar mais, cuidar, zelar pelo meio ambiente. Pra que sempre ele seja favorável.

Sábado deu uma ventania aqui. Fui conversar com o Tempo, que é meu rei, pedindo pra ele levar as coisa ruim e trazer coisas boas pra gente. Eu me sinto, por exemplo, realizada como uma mulher de terreiro. Apesar de às vezes pegar cada barravento... cada ventania que me pega e eu rodo, mas me levanto e sigo. Entendo que os terreiros são grandes locais de acolhimento. Que, muitas vezes, um banho de amaci levanta melhor do que uma vitamina ou do que uma consulta com psicólogo ou psiquiatra. Que NZambi, Nanã, NZumbaranda e todos os deuses nos fez também psicólogo. As mulheres e os homens são psicólogo. E a gente, por exemplo,

não tem ninguém pra cuidar da nossa cabeça, só nosso Nkise ou nosso Orixá, nosso Vodun que segura. Porque se a gente, por exemplo, passa o dia jogando ou cuidando dum terreiro, se fosse o psicólogo, ele ia imediatamente procurar um analista, um psicólogo mesmo pra se cuidar, e a gente não... é a força que nós temos dos nossos Nkise que nos dá força pra que a gente tome um banho e continue nossa luta.

3. A Produção do Conhecimento: hierarquia, funções na cozinha, organização do terreiro

Foto 3 - Festividade dos 30 anos do Terreiro no dia 1 de dezembro de 2018. Ao completar os 30 anos de abertura do Mansu Nangetu Bantu Kuenkue.



Fonte: Alanna Souto Cardoso Tupinambá, 2019.

Eu acho que a gente, quando se inicia, – o nosso mestre é o mais velho – tem que ouvir os mais velho estar perto dos mais velho, agradar os mais velho, conversar com os mais velho. É de lá que vem nossa sabedoria. Eu não digo que eu seja sábia, mas o pouco que eu tenho eu aprendi muito com a minha mestra, que foi a minha vó, e aprendi muito com meu Pai. Aprendi com meus mais velho, meus irmãos mais velho. Eu tinha que ouvir muito, falar pouco, não falar o que eu via que era segredo, guardar pra mim e quando eu tivesse oportunidade eu passava. Hoje eu faço isso... porque às vezes eu vejo que as pessoas, por exemplo, pensam que sabem tudo. E a gente não sabe nada. Porque, às vezes, com uma criança a gente aprende um diálogo diferente, uma conversa, uma folha, um saber de qualquer coisa. Então, esse acúmulo que a gente tem... eu digo que a gente é abençoado por ser de uma tradição onde se cultua Nkise Orixá ou Vodun, que tá tudo aqui no nosso mutuê. O conhecimento vem da nossa ancestralidade. Minha mãe me instrui, me dá intuição pra que eu passe conhecimento conforme o merecimento, porque eu não

vou dar um tiro no meu pé. Minha vó me dizia muito: “vê pra quem tu fala e o que você fala. Se você for na rua, você vir alguém, não fale que você viu. Porque lhe dê o direito de que a pessoa lhe veja também e não fale”.

Isso são coisas que às vezes eu vou lá embaixo na minha infância e volto tudinho. De eu ser uma atleta... fui uma atleta! Eu jogava voleibol, corria... fui corredora, lutei karatê, pratiquei muito bem tiro ao alvo, fui aluna do Souza Franco; muitos anos bancada pelo governo, que bancava era um sapato e um uniforme: uma camisa que me davam e alimentação às vezes um mingau de aveia. Isso fez com que eu, muitas vezes, não quisesse ir pro terreiro com minha avó. E ela dizia: “você vai, porque daqui que sai a tua força pra ti correr. Eu num vou correr, tu vai.”. Então, eu fui criada de uma forma muito difícil e muito cheia de “tu vai”. A minha avó era uma mulher de Nkose: “tu vai!”, “tu tem que ir!”. Eu obedeci muito isso e eu agradeço muito tudo o que eu aprendi, porque eu sei... o pouco que eu sei foi dos meus avós, dos meus mais velhos e do meu Pai de Santo.

Quando você grita “AXÉ”, às vezes você não sabe o que tá falando. Então *axé* é você chegar e ser recebido por Nkosi. É lá na porta, tá do lado esquerdo aqui. Daqui pra lá. Entrando, entra do lado direito e você é recebido pelo grande guerreiro Nkosi Mukumbi. Chega no meio do terreiro, tem Ntoto, que é Obaluaê. Ele faz a ligação de céu e a terra com a gente. Chega nos terr... nas Ngomas, Nkosi Mukumbi que é o dono, é... aqui o contra-rum é Oxóssi e aqui Katendê também são, tem dono. Passam pelo mesmo procedimento que fosse uma Yawo. Faz ebó, faz trabalho, come, se alimenta, deita na esteira. Vai pra cozinha... é o lugar do fuxico, é o lugar onde se aprende as conversa tudo. Gera muito na cozinha. É o grande aprendizado. A pessoa pensa: “ah, tá ali! (aponta para o meio do salão)!”. Não. Todo fuxico tá ali (aponta para a cozinha), toda história tá na cozinha. É disputa, é o valor dessa mulher. Por exemplo, aqui: tem a Mam'etu Kafumberá, que cozinha para a comunidade; tem a Rifula, que cozinha para os Nkise; tem o Taata Pokó, que makopa para o Nkise; e tem os Taata Kambando. Cada qual tem o seu lugar. Então como se fosse eu a administradora, ou a presidenta, ou a embaixatriz, eu considero os terreiro uma embaixada. Eu tenha todo um corpo de ministros, cada qual sabe seu lugar. Eu vejo na hora da arrumação, essa decoração, as comida o que nos vamo comer o que a gente vai fazer, como nós vamos servir as pessoas, mas tudo dentro da hierarquia.

Quem não se adapta num terreiro, não tá preparado pra nenhum espaço lá fora. Eu acredito que quem é de terreiro, que foi muito bem criado, supera qualquer Big Brother desse, porque você deita no chão. Os Bantu come com a mão. Sexta-feira, tem que comer peixe e se não gostar problema dele, tem que comer peixe. E as outras coisas que sempre o mais velho é quem diz quem vai fazer: “Olha, meu filho tu vai fazer...”, você nem conhece, entra no terreiro e já tem que chamar de mãe, de pai. Às vezes, têm muitos que não se adaptam. Mas é essa humildade que faz a gente amadurecer pra superar qualquer porrada. É difícil não superar qualquer porrada. Só se ele tiver muito desequilibrado... A mãe ou pai que não pegue muita peia da vida, porque lidar com terreiro não é fácil. A gente acolhe uma diversidade de pessoas com comportamento diferente e que a família é muito importante pra essa chegada no terreiro, e a gente saber o comportamento dele lá fora. Eu conheço quando você é bem criado, quando você é educado, quando você não joga papel no chão, quando você tem uma educação que, às vezes, vem da nossa casa. Então, o Candomblé sem a hierarquia, sem obedecer aos mais velhos, ele não existe. A sabedoria vem, você vê numa circularidade duma roda: a mãe tá aqui ou o pai, e o mais novo aqui na frente pra ela olhar. E a gente se reconhece nessa circularidade.

4. Oralidade, Rezas, Ladinhas e Estratégias de Resistência

Cada nação tem seu dialeto, tem a sua língua própria e tem a sua forma de cores, de colares, de conta, de indumentária. Por exemplo, a nação Ketu Oxóssi veste azul e nós, Bantu, vestimos verde. Todo dialeto, educação, cântico cada um tem o seu. Por exemplo, nós não tocamos outra nação aqui, só tocamos Angola e só se dobra pra outra nação se acontecer de uma pessoa muito querida chegue e o orixá dela chegue, aí eu mando virar o couro. Se não, só tocamos a nossa nação Angola. Esse conhecimento é um conhecimento ancestral que vai chegando da oralidade. Essa oralidade no canto, fala em dialeto, língua em reza. Eu tenho uma mais velha chamada Mãe Zumira de Nanã, ela me disse: "Minha filha... muitos anos! Olha, tem muita coisa em português na reza dos Bantu, porque a polícia chegava e era estratégia pra começar rezar a ladinha". Era pra que a polícia não levasse você presa ou acabasse com a festa. Então eles usavam também de estratégia. Por exemplo, tinha uma cantiga de Yemanjá que canta "oh viva o Rosário da Virgem Maria", porque a polícia chegava e tinha que mudar pra continuar o ritual. Então nós, povo Bantu, que chegamo primeiro, depois de 60 ano que chegou povo Yorubá, tivemos que ter muita estratégia pra conviver com os grandes senhores, conviver nos grandes quilombos pra manter a tradição.

Ketu não tem caboclo. O povo Yorubá, o povo Ketu não tem Caboclo e nem Exu. Eles cultuam, mas eles não vêm pro salão. Nós Bantu, a gente inicia Exu, Mavambo e Nzila. A gente inicia, pra nós é Nkise.

Foto 4 - Festividade dos 30 anos do Terreiro no dia 1 de dezembro de 2018. Ao completar os 30 anos de abertura do Mansu Nangetu Bantu Kuenkue



Fonte: Alanna Souto Cardoso Tupinambá, 2018.

A Mãe Stella de Oxóssi é Yorubá e também não tinha sincretismo. Lá no Bate Folha, na minha casa, na nossa tradição, na nossa raiz tem até igreja. Quando é dia 4 de dezembro, Santa Bárbara, o padre vai rezar a missa lá no terreiro, mas isso porque eu vejo que a gente estava muito perto dos senhores. Nós chegamo primeiro, nós que chegamo pra trabalhar. Então, teve, pra manter a tradição, que usar de estratégias pra continuar e não deixar morrer. Foi dificílimo.

Foto 5 - Festividade dos 30 anos do Terreiro no dia 1 de dezembro de 2018. Ao completar os 30 anos de abertura do Mansu Nangetu Bantu Kuenkue



Fonte: Alanna Souto Cardoso Tupinambá

5. Pertencimento ao Território e Reverência

Eu moro aqui há mais de 50 anos. Meu filho tem 50 anos. Quando eu cheguei, não tinha ninguém que morasse aqui. Hoje eles são incomodados. Até um lixo já denunciaram a gente de botar... um lixo! Quando eu vim pra cá, meu marido era militar, ganhava pouco e eu passei muitos anos sozinha. Muitos anos juntando dinheiro pra comprar uma casa. Fui casada nova. Só eu e meu filho. E meu marido viajando e eu juntando esse dinheiro. E quando meu marido deu baixa – que ele era cabo da aeronáutica – eu me lembro que a gente tinha 7 Conto. O dinheiro que foi junto pra comprar uma casa que a gente vivia de aluguel. Ele andou muito, saiu da aeronáutica e andou andou muito mais de um ano... Quando foi uma noite, o meu Caboclo Rompe-Mato disse que ele ia mandar um homem pra dizer onde ele queria a casa dele. E ele mandou e eu não acreditei, porque quando o homem bateu eu morava na Visconde e perguntou se era a minha casa que tava pra vender e eu disse: “não, aqui não tá pra vender.”. Aí eu disse: “pode estar lá na frente.”. Aí ele foi lá e tava fechado. Quando meu marido chegou, ele tinha ido procurar casa, eu disse: “olhe Vavá, veio um senhor procurar aqui pra saber se essa casa tá pra vender e eu disse não, que era lá. Que não tinha ninguém e eu disse vai lá.”.

Foto 6 - Festividade dos 30 anos do Terreiro no dia 1 de dezembro de 2018. Ao completar os 30 anos de abertura do Mansu Nangetu Bantu Kuenkue



Fonte: Alanna Souto Cardoso Tupinambá, 2018.

Chegou lá e o senhor tava lá, disse: “eu tenho uma casa na Pirajá 1194 pra vender há um ano.”. O vendedor morava em Icoaraci e o meu eu marido foi no mesmo dia e fechou negócio com essa casa. 7 mill o homem queria, 7 mil foi dado. E foi mais de 20 anos pra gente construir essa casa, que ainda não tá completa. Então, eu digo que esse território é de Caboclo, é do meu Nkise, porque foi eles que mandaram, foi eles que disseram aonde era a casa deles.

6. A Liberdade, a Natureza e o Território

Foto 7 - Festividade dos 30 anos do Terreiro no dia 1 de dezembro de 2018. Ao completar os 30 anos de abertura do Mansu Nangetu Bantu Kuenkue



Fonte: Alanna Souto Cardoso Tupinambá, 2018.

Era aqui uma casa de sopapo. Sopapo é barro. Aqui era só piçarra, só mato. Meu pai morava aqui com meus irmão, na Duque com a Pirajá, mas não sabia que tava pra vender.

Eu já era do santo, só que eu trabalhava com a minha vó dando passe. A casa da minha vó, pequena, no fundo do quintal, onde é o Paráclube, em Tororó. Depois que nós viemos, a minha vó vendeu a casa, veio aqui pra Pirajá, pra Duque com a Pirajá. Depois que eu me casei que eu vim pra cá. Primeiro eu vim pra Visconde e minha casa veio pra cá depois. Então esse território incomoda os vizinhos, mas eu digo que eu cheguei primeiro e essa casa foi escolhida pelo meu Caboclo.

Antes de eu ser iniciada, eu trabalhava muito com o Caboclo Rompe-Mato que vem na linhagem de Nkosi. É um caboclo muito guerreiro. Foi ele que disse que essa casa era nossa. Depois se comprou o quintal do meu pai, dobrou pra cá. Eu pretendo muito que com o meu falecimento essa casa continue. Não essa, mas lá, a matriz. Lá onde se inicia. A que sai na outra rua. É... difícil. Tem que ter árvore, uma roça... Meu filho tem uma pessoa chegando na capoeira.

Tô com as minhas irmãs e eu vejo que são momentos de a gente se fortalecer. Acho que uns 5, 6, 7 anos ou 8 nos tivemos uma oficina no Maranhão. Vem mais de 200 africano, a gente se encontrou lá na casa da Mãe Celeste... ela já tinha falecido e tava a Mãe Beni. Nós convivemos com a África, nós caminhamos com a África, eu me lembro que todo mundo saiu fortalecido. Eu vejo nesses movimentos – onde mulheres, onde homens, onde a gente vai pra luta pra ter direito e respeito – que são momentos onde a gente se fortalece com ideias, com pensamentos e, até mesmo, de encontrar pessoas que só na militância a gente se vê. Eu me sinto uma mulher realizada na minha militância, porque eu já caminhei um bocado. Eu já abri muitas portas, e muitas mulheres e muitos homens abriram pra que a gente tivesse direito. Hoje, eu vejo que a gente caminhou muito, a gente teve esse grande retrocesso, mas que a gente tá pegando força pra de novo continuar, porque nós não vamos desistir, pela nossa ancestralidade.

Nós somos Bantu e, se vocês verem, eu abandonei minha casa. Eu moro no terreiro, eu moro no chão, meus guarda-roupas tá por lá... por aqui... mas eu moro como se eu tivesse tivesse liberdade de botar sem precisar trancar a porta, sem precisar tá vigiando as pessoas. Eu me sinto liberta na minha casa, no Mansu, no terreiro, nesse quilombo. Eu vejo como uma liberdade a gente ter esse direito de todo dia ouvir o pássaro cantar, de conversar com a natureza. Eu aprendi isso muito com a minha vó, conversar com a natureza. Minha vó me deu uma das lições que eu nunca esqueço: “não conte seus segredos pra ninguém, converse com a natureza. Ela vai lhe absorver muitas vezes, observe. Ela vai lhe dar solução”.

Foto 8 - Entrevista concedida à profa. Alanna Souto Cardoso Tupinambá e Selma Brito. Em
17 de dezembro de 2019



Fonte: Alanna Souto Cardoso Tupinambá e Selma Brito, 2019.